

Data: 14.01.2020

Titulo: Nascimentos subiram 5% nos últimos cinco anos

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;13



Nascimentos subiram 5% nos últimos cinco anos

Em 2019, fizeram-se mais meio milhar de “testes do pezinho” do que em 2018. Sinal positivo de recuperação da natalidade **p13**



Área: 759cm² / 40%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6714818



Natalidade cresce: em cinco anos nasceram mais 4 mil crianças

Em 2019 fizeram-se mais meio milhão de “testes do pezinho” do que em 2018. É um crescimento ligeiro, mas os especialistas preferem destacar os últimos cinco anos, em que aumento foi de 5% no total de nascimentos

Saúde Alexandra Campos

É uma boa notícia, apesar de saber a pouco. No ano passado, terão nascido mais de 87 mil crianças em Portugal, mais cerca de meio milhão do que em 2018, indicam os dados do Programa Nacional de Rastreio Neonatal, conhecido como “teste do pezinho”, revelados hoje pelo Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (Insa), que coordena este programa. Numa análise a cinco anos, face a 2014 nasceram mais cerca de 4 mil crianças no ano passado.

O aumento dos “testes do pezinho” – que constituem um indicador fiável da natalidade uma vez que cobrem a quase totalidade dos nascimentos em Portugal – foi no ano passado de apenas cerca de 0,6% quando comparado com 2018. Mas os números ficam mesmo assim já longe dos registados nos anos da crise económica e financeira – quando se chegou a um mínimo de 82.367 nascimentos em 2014, depois de cinco anos consecutivos de queda. Depois de 2014, a natalidade subiu durante dois anos seguidos, diminuiu em 2017, voltou a crescer em 2018 e tudo indica que, segundo os dados do Insa, o mesmo aconteceu também em 2019, ainda que o acréscimo tenha sido ligeiro.

“É uma boa notícia. É muito bom que nasçam mais crianças mas, em vez de natalidade, devíamos falar de fecundidade, da propensão para procriar. E não sabemos ainda se este aumento de nascimentos se reflecte num aumento da fecundidade”, comenta a presidente da Associação Portuguesa de Demografia (APD), a socióloga e demógrafa Ana Alexandre

Fernandes. O que se sabe já é que os aumentos sucessivos dos nascimentos verificados nos últimos anos fizeram com que o índice sintético de fecundidade (média de filhos por mulheres em idade fértil, dos 15 aos 49 anos) subisse para 1,4 quando rondou os 1,2, em 2013 e 2014. E este aumento já é relevante, assinala a professora catedrática no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

Os sociólogos com quem o PÚBLICO falou preferem, aliás, olhar para um período mais alargado – como os últimos cinco anos – para avaliar aquilo que está a acontecer em Portugal. E os dados indicam que, com ligeiras oscilações, tem de facto havido um crescimento sustentado desde que em 2014 a natalidade bateu no fundo.

“São pequenas diferenças [de ano para ano], mas, quando se olha para os últimos cinco anos, há um aumento de cerca de 5% em relação a 2014. Estamos aqui a falar de uma tendência de ligeiro aumento, ainda que irregular. Apesar de tudo, isto representa uma novidade. Relativamente ao ano 2000, é a primeira vez que temos uma série de cinco anos de aumento”, destaca o sociólogo Paulo Machado.

Resta saber “quem são os pais que estão a sustentar este acréscimo”, diz. O aumento pode estar a ser sustentado pela imigração, especula, frisando que, se assim for, “estamos em linha com outros países europeus, como a França, onde o crescimento da natalidade se fica a dever em parte à população imigrante”. De facto, olhando para os dados do INE, percebe-se que em 2018 a percentagem de mães estrangeiras voltou a aumentar – era então de 10,8%, quando em 2014

tinha recuado para 8,7%, devido à diminuição da chegada de imigrantes que chegam em idades mais jovens e por isso têm mais filhos.

A presidente da APD acredita ainda que os números dos últimos anos indicam que se estará a observar uma reposição dos níveis anteriores à crise económica e financeira, em que se verificou o adiamento de nascimentos. “Tendo chegado tão baixo [como aconteceu em 2014], só podíamos crescer”, considera.

Quanto às medidas que poderão incentivar casais a decidir ter filhos, os especialistas preferem destacar várias. Não serão, por certo, os incentivos de alguns milhares de euros dados por autarquias aos casais que ali têm filhos que irão contribuir para alterar a situação. “Essas políticas têm resultados muito débeis”, diz Paulo Machado. “Ter uma boa rede escolar gratuita seria uma medida excelente e justa, tal como ter uma rede de transportes mais eficaz. Levar uma criança à escola num transporte público é um martírio”, afirma. “Também é necessário ter melhor habitação e apostar numa coisa que os patrões habitualmente não gostam: flexibilidade de horários”, propõe.

Ana Fernandes acredita que ter creches gratuitas seria uma medida muito importante. “Quando num país como Portugal se paga numa creche a módica quantia de 300 a 500 euros por mês e um casal tem um rendimento de 1500 euros é difícil [decidir ter uma criança]. É mais caro ter um filho numa creche do que numa universidade pública.”

acampos@publico.pt



Creches gratuitas no primeiro escalão

Uma das propostas de alteração do OE para 2020 que o PCP entregou ontem no Parlamento (ver pág. 8) foi redigida a pensar nos bebés e nas famílias com rendimentos mais baixos. Os comunistas propõem “a gratuitidade de frequência de creche a todas as crianças cujo agregado familiar pertença ao primeiro escalão de rendimentos da comparticipação familiar, até à entrada no ensino pré-escolar”, lê-se no diploma. Na semana passada, o líder da bancada do PCP, João Oliveira, já havia confirmado que, nas conversas com o Governo, o executivo mostrou abertura para “considerar soluções” sobre vários temas importantes para os comunistas, incluindo a criação de uma rede de creches públicas, pelo que a medida agora proposta já deverá espelhar os resultados desse diálogo. No ponto dois do diploma lê-se que o Governo deverá levar a cabo “as medidas necessárias para alcançar a gratuitidade da frequência de creche para todas as crianças até 2023”.

Nasceram mais de 87 mil crianças no ano passado